

### Pedras baloiçantes. Adagiários, castros e lendas

Desde há muito que no meu Couseiro estava apontada a notícia fornecida por um homem da região relativa às pedras oscilantes da Serra de Montezinho, sitas no termo da povoação dêste nome e no da de Soutelo da Gamoeda, ambas do concelho de Bragança e com ela o desejo de as visitar.

Mas a travessia da serra é de estarrecer, máxime a quem, como eu não costuma viajar a cavalo. Lá diz o ditado:— quem quiser saber o que é mau caminho, vá de Soutelo para Montezinho; que tem como similares no distrito de Bragança os dois seguintes:— quem quiser saber o que as léguas são, vá de Iseda a Santulhão; quem quiser saber a verdade, vá de Bornes à Trindade.

Alfim, de adiamento em adiamento, no dia 11 de Junho de 1917 ia pernoitar a Soutelo em companhia do bom amigo P.<sup>o</sup> Manuel José da Ressurreição Palmeiro e no dia seguinte pelas sete horas estávamos a caminho da serra servindo-nos de cicerone o dedicado e obsequioso amigo Manuel António Rodrigues, abade aposentado de Meixedo, natural de Soutelo, onde agora reside.

Andados 5 quilómetros, *plus minus*, dávamos de frente com o Castrilhão que semelha uma fortaleza natural constituída por blocos enormes de cantaria encavalados uns sobre outros à maneira de castelo com suas muralhas, e forma como que a guarda avançada dos granitos dominantes em toda a serra a debater-se com os quistos até aí avançados em estreitos linguados e senhores absolutos logo pouco abaixo da povoação.

Do Castrilhão desce para nascente um vale no meio do qual se eleva outra fortaleza natural-artificial também erigida de blocos de granito, quási inacessível pelo oriente, chamada Torre do Castro. É de forma oblonga e bastante espaçosa a planura que forma em cima. Foi apropriada em remotíssimos tempos a fortaleza, como se vê do largo e profundo fôssos que a circuita nos lados mais fracos por acessíveis e dos escombros da torre, que lhe deu o nome, ainda bem visíveis na frente poente.

Nem cerâmica, nem moedas, nem vestígio algum de civilização luso-romana encontrámos na Torre do Castro, nem tradição de em algum tempo haverem aparecido e, no entanto, deveu ser largamente habitada, porque os seus trabalhos defensivos são importantes e o terreno adjacente presta-se admiravelmente às culturas da região. Recentemente um proprietário de Soutelo veio fixar residência no

vale e pouco acima da Torre do Castro; no fôssco desta, apropriando antigos materiais dispersos, construiu uma *curriça* (casa de campo onde se recolhem gados) e lá vive abastado e farto com sua família cultivando parte daqueles campos.

Eis-nos de novo no Castrilhão, no caminho de carro da serra. ¡Que imponente panorama! por toda a parte o granito recortado em mil formas caprichosas, aflorando aqui à superfície do terreno em larga extensão como praça formada de uma só pedra e a quebrar-lhe a monotonia de vasta superfície lisa, uma mole cilíndrica, esférica ou cónica, à laia de obelisco; erguendo ali o dorso de enorme disco; destacando-se acolá, isolado na planura como bloco errático; acavallando-se além em formas acasteladas coroadas de esferas magestosas que parecem prestes a despenhar-se, ou então encostando-se uns a outros de modo a deixar largos interstícios, quais palácios ciclópicos em ruínas, onde podem viver famílias e recolher-se rebanhos a coberto das intempéries hibernais. A formar-lhe tapete a urze «comendo pó, bebendo sol e mordendo rocha» e de onde em onde pequenas *lameiras* exploradas principalmente pelo armentio bovino e caprino das duas referidas povoações.

É importante a serra que, dos muitos gamos mantidos outrora em seus desvãos e *caborcos*, deu à povoação do Soutelo o qualificativo de Gamoeda.

Alguns quilómetros adiante do Castrilhão fica a Canteira, assim dita dos canteiros que aí vão de preferência cortar pedra, depois exportada para diversas partes com grande resultado para carreiros e artistas. Antes da vinda do caminho de ferro a Bragança (1905?) toda a cantaria que se gastava nas construções de Bragança ia dêste local; mas agora vai mais facilmente pela linha férrea de Sortes e do Quadraçal.

Na Canteira, à beira do caminho, lado poente que dirige pela serra para a Teixeira (Espanha) há uma Pedra Baloçante de granito, talhada em forma de barco que oscila no sentido norte-sul, sôbre um plano inclinado, apoiada num só ponto. Está colocada em cima de enorme penedia que se ergue de alguns metros acima do nível do caminho semelhando a parte superior de uma grande esfera de granito. Não tem pedra alguma a servir-lhe de resguardo se bem que pelo poente, a menos dois metros, sôbre a dita esfera, se ergue um enorme bloco de granito de algumas dezenas de metros cúbicos de espessura. Numa cavidade natural dêste monstruoso fragueiro tem os canteiros cama para dormir e forja para aguçar a ferramenta. Em plena vida moderna e vida antiga das cavernas.

Dimensões desta Pedra Baloçante:

Comprimento 4<sup>m</sup>,20.

Altura, variável, mas no ponto máximo 1<sup>m</sup>,17.

Largura, variável, mas no ponto máximo 2<sup>m</sup>,60.

Dá-se o nome de Pedras Baloçantes a monólitos enormes colocados sôbre outros em tais condições de equilíbrio que oscilam a um pequeno impulso que se lhes dê num ponto determinado ou em vários.

O povo dá-lhe geralmente o nome de Pedras Bulideiras e também o de Berços.

Relativamente aos fins a que seriam applicadas as Pedras Baloçantes entendem alguns que representariam: símbolos da divindade; emblemas do mundo suspenso no espaço; emblemas do livre arbítrio; provas judiciárias para reconhecer a culpabilidade dos delinquentes e ainda altares de sacrificios<sup>1</sup>.

Um a dois quilómetros adiante da Pedra Baloçante da Canteira, à beira do caminho do Rol, lado nascente, que dirige para Padornelo (Espanha), sôbre larga penedia de algumas dezenas de metros de superfície, está outra Pedra Baloçante, qual monumento em larga praça. É de granito, tem um só ponto de apoio, oscila no sentido N.-S. em plano horizontal e não tem pedra nenhuma em volta a servir-lhe de resguardo.

Dimensões desta Pedra Baloçante:

Comprimento 2<sup>m</sup>,50.

Largura 2 metros.

Altura 1 metro.

Um ou dois quilómetros adiante desta Pedra Baloçante à beira do mesmo caminho, lado poente, encontra-se outro bloco de granito que parece pertencer ao grupo das Pedras Oscilantes; hoje porêem está imóvel devido talvez à grande quantidade de terra que o obstrui, terra que na ocasião da nossa visita não pudemos remover à falta de instrumentos apropriados.

Seguindo pelo mesmo caminho do Rol vai dar-se ao sítio denominado Marra do Pôrto do Sabor e aí, precisamente onde está a marra que divide o termo de Soutelo do de Espanha, à beira do caminho, lado nascente, há outra Pedra Baloçante sem outras a servir-lhe de resguardo, assente em plano horizontal da mesma matéria, fornecido por um fragueiro natural que oscila no sentido N.-S., apoiada num só ponto. As suas dimensões são:

Comprimento 2<sup>m</sup>,40.

<sup>1</sup> *Revista Arqueologica*, tomo 2, pp. 1 a 6.

Largura 2 metros.

Altura 1 metro.

É de notar que esta parte do termo do Soutelo, onde se encontram as três Pedras Baloçantes que temos dito, fica na vertente sudoeste da Serra de Montezinho, de modo que, juntas às três em seguida apontadas, temos, numa área que não podemos precisar bem, mas deve regular por 15 quilómetros, seis Pedras Baloçantes do nosso conhecimento.

Um quilómetro, pouco mais ou menos, a noroeste da povoação de Montezinho, freguesia de França, concelho de Bragança, no sítio do termo chamado Lombeiro da Derreigada, há dois monólitos oscilantes à beira do caminho que segue pela crista dêsse Lombeiro, apenas distantes um do outro quarenta metros. Ambos são de granito bem como os que lhe servem de suporte.

O que fica mais ao norte oscila no sentido N.—S. em plano inclinado, apoiado num só ponto de uma penedia que aflora ao de cima do terreno e sem pedra alguma em volta a servir-lhe de resguardo. A sua oscilação dá-se seja qual fôr o ponto em que se impulsione.

Dimensões:

Comprimento 2<sup>m</sup>,21.

Largura 2<sup>m</sup>,40.

Altura variável, mas em média 1 metro.

O que fica quarenta metros abaixo dêste tem só de um lado outro penedo a servir-lhe de resguardo ou de espera e do oposto nada. Oscilação N.—S. sobre plano inclinado em penedia que aflora à superfície do solo. Tem dois pontos de apoio sitos, cada um, na respectiva extremidade do monumento, de forma que, formando eixo a todo o comprimento, se inclina, ora para o lado direito, ora para o esquerdo dêstes dois pontos. A sua oscilação só tem lugar quando impulsionado no lado norte ou sul. Facto idêntico se dá com o primeiro apontado sito na Canteira, termo de Soutelo. Relativamente aos dois seguintes do mesmo termo nenhuma nota encontro nos meus apontamentos.

Dimensões desta Pedra Baloçante:

Comprimento 3<sup>m</sup>,46.

Largura num lado 2<sup>m</sup>,25 e no outro 2<sup>m</sup>,30.

Altura em média 1 metro.

Perto do Lombeiro da Derreigada fica outro sítio do termo de Montezinho denominado Castro Curisco e nele outro grande bloco de granito também apoiado em dois pontos, que oscilava no sentido N.—S.; mas recentemente por espírito estúpido-iconoclasta quebraram-

-lhe um pedaço, de modo que agora ainda se inclina para um e outro lado, quando o impulsionam, mas não oscila.

É de notar que no termo de Montezinho há dezóito sítios com o nome de Castro; mas aqui esta palavra não tem o sentido arcaico doutras terras assinaladas por ruínas proto-históricas ou luso-romanas. Examinei alguns dêsses Castros de Montezinho e vi que applicavam tal nome genericamente para indicar um cabeço, um fragueiro de granito, de que o termo é abundantissimo, mais ou menos talhado naturalmente em forma cónica, de altura notável, semelhando um castelo.

Eis os nomes dêsses Castros: Castro de Baixo; Castro Grande; Castro dos Currais; Castro das Gralhas; Castro das Barreiras; Castro do Falgueirão; Castro da Raposa; Castro das Cortejas; Castro do Tameiro; Castro das Arregadas; Castro da Falgueira do Jorge; Castro das Gorretas; Castro do Rigueiro de Prado Bedual; Castro Curisco; Castro da Lameira das Onzelhas; Castro das Caborcas; Castro da Pedra Carregada; Castro do Castrelejo.

Preguntámos por lendas ou tradições que andassem ligadas às Pedras Baloçantes; nada nos foi indicado, nem consta. Há, porém, uma lenda referente à serra. Diz ela que em tempos muito antigos um conde poderoso se estabeleceu na Serra de Montezinho assenhoreando-se da parte dela pertencente ao termo de Soutelo por forma que muito incomodava os moradores desta povoação e lhe impedia o pastoreamento dos gados, o que levou seus habitantes a pedir auxilio a sete povos vizinhos que efectivamente o prestaram forçando o conde a largar a serra. Em paga os de Soutelo concederam aos povos que os auxiliaram o direito de utilizar para seus gados as pastagens da serra.

Parece que a expulsão do conde não foi bem pelo direito da fôrça, porque, segundo a mesma lenda, elle não podia ser obrigado a levantar mão da presa se tivesse a casa completamente mobilada; como porém se achasse que lhe faltavam as *barilhas*<sup>1</sup> houve de fazê-lo.

Entre os povos que auxiliaram Soutelo ia também êste nosso de Baçal e ainda hoje se mostra na serra um montão de pedregulho que dizem ser as ruínas da *curriça* ou *cortelho* onde pernoitavam seus gados.

Os de Carragosa não quiseram auxiliar Soutelo, ao parecer, por

---

<sup>1</sup> Espécie de estrado sôbre que giram as peneiras no acto de peneirar a farinha.

estarem ou quererem relacionar-se com o conde e, por isso, desde então, segundo a mesma lenda, ficaram conhecidos pelo apôdo de —Fidalgos de Carragosa— pela petulância metidica de, sendo plebeus, se arrogarem intimidades com um grande e fidalgo<sup>1</sup>.

Voltemos às Pedras Baloçantes. No termo de Tronco, concelho de Chaves, ao cruzar a estrada a macadame que desta vila segue para Vinhais por Lebução com a vereia ou caminho que de Vilharandelo e Oucidres se dirige pela cumiada da montanha para Dadim e Travancas, a menos de cem metros ao norte da estrada fica outra Pedra Baloçante que visitei a 11 de Maio de 1909 em companhia do bom amigo José Miguel Machado, pároco de Rabal. É de granito bem como o seu suporte. Oscila em plano inclinado no sentido N.—S. apoiada num só ponto fornecido por uma grande penedia que emergindo do terreno se eleva de um a dois metros. Tem a servir-lhe de resguardo ou espera pelo lado norte um grande bloco de granito e do oposto nada.

Dimensões do monumento:

Comprimento 9<sup>m</sup>,90.

Largura, variável entre 2 metros e 7<sup>m</sup>,50.

Altura, em média 2<sup>m</sup>,40.

Só oscila quando impulsionado em certo ponto do lado sul. É de notar que quando aponto estes monumentos como oscilando no sentido N.—S. se deve entender *grosso modo* à falta de instrumento preciso ao tempo para indicar rigorosamente a orientação de tal facto.

A dois quilómetros da povoação de Linhares, concelho de Carrazeda de Anciães, descendo para o Douro, há outra Pedra Baloçante a que na região chamam Penedo que Bole. É de granito, bem como o seu suporte e afecta a forma de um barco diminuindo sensivelmente de altura do centro para as extremidades. Oscila no sentido N.—S. e só quando impulsionado na extremidade sudoeste ou nordeste, em plano horizontal (?) sobre dois pontos de apoio fornecidos por uma fraga que aflora à superfície do terreno.

Dimensões do monumento:

Comprimento 5 metros.

Largura 2<sup>m</sup>,12.

Altura, variável entre 0<sup>m</sup>,30 e 1 metro.

---

<sup>1</sup> Sobre os apôdos da região ver: *Dialecto Mirandês*, por Albino J. de Moraes Ferreira, 1898, p. 40: *Ilustração Trasmontana*, tomo I, p. 76 e 78: José Leite de Vasconcellos, *Estudos de Filologia Mirandesa*, tomo II, p. 334, e em outras partes desta obra.

Não lhe anda ligada lenda alguma: as indicações que lhe dizem respeito foram-nos dadas pelo bom amigo Manuel da Ressurreição Mores, em 30 de Maio de 1914, que a nosso pedido o examinou.

Da carta que então nos escreveu recortamos mais as seguintes notícias. Há no termo de Linhares, Fragas dos Mouros e Caixões de Pedra. Estes são excavações simétricas feitas em cantaria geralmente lisas ou planas pela parte superior, aonde se vê o talhe dum homem deitado muito perfeito; ou para melhor, um caixão talhado com precisão à medida dum corpo humano; distinguindo-se muito bem o alargamento dos ombros, do torneio do pesçoço, a redondeza da cabeça, etc. . . . Apareceram cá, há meses, numa propriedade e numa extremidade da povoação umas poucas de moedas de prata já muito carcomidas pela terra que parecem ser muito antigas e juntamente alguns pesos de barro, em vários tamanhos, mas tam sólidos que nem batendo-lhe com um martelo se quebram; além disso tam perfeitos ainda como se saíssem agora da fôrma.

Como Manuel Mores saiu logo de Linhares, nem dos pesos, nem das moedas consegui obter exemplar algum.

Tenho notícia doutra Pedra Baloçante existente perto de Bassal, à beira da estrada a macadame entre a vila de Valpaços, distrito de Vila Rial e a povoação de Rio Torto; mas nenhuns apontamentos dela consegui ainda obter.

Baçal, Julho de 1917.

P.<sup>e</sup> FRANCISCO MANUEL ALVES.

---

## Arqueologia Artística

### I

#### Dois Pelourinhos de Além-Tejo em Veiros e Canal

«Um camartello deitado sôbre uma ara de pedra em frente dos paços do concelho deveria substituir os seculares pelourinhos (tam-bêm já, em parte, roídos ou despedaçados), como symbolo do poder municipal»<sup>1</sup>. É o monumento *in memoriam* da destruição burguesa, sistemática e já hoje constitucional, das câmaras concelhias, proposto por Herculano. De tantos destroços, ainda algures foram salvos os padrões locais da história portuguesa, ou, uma vez perdidos, de novo

---

<sup>1</sup> Alexandre Herculano, *Opúsculos*, t. II, p. 48. É curioso de ironia a leitura das pp. 48 a 50.